



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

A CONTRIBUIÇÃO DA COLUNA DE NELSON MOTTA PARA O JORNALISMO CULTURAL¹

DUTRA, Eliane Aparecida (Docente²)
MÜLLER, Denise Regina (Acadêmica)³
Faculdade de Pato Branco – PR

RESUMO: O jornalismo cultural surge com a finalidade de mediar o conhecimento para a sociedade, através de reflexões críticas sobre as chamadas “sete artes”. Inserido nesse cenário temos a “Coluna de Nelson Motta”, objeto de estudo deste artigo, o qual pretende analisar a perspectiva de produção do mesmo como jornalismo cultural. Para isso, discute-se o conceito de jornalismo cultural apresentando características da coluna; a história do jornalismo cultural; jornalismo cultural no Brasil e jornalismo cultural contemporâneo.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural. Coluna de Nelson Motta. Brasil.

1. INTRODUÇÃO

De forma culta e inteligente o jornalismo cultural surge, no cenário jornalístico, com a finalidade de realizar a função de mediador entre o conhecimento e a sociedade. Através de análises críticas e reflexivas sobre as chamadas “sete artes” (literatura, música, arquitetura, pintura, teatro, escultura e cinema), o Jornalismo Cultural educa, informa e forma o cidadão, sobre a influência dessas artes na vida social dos mesmos. Com a crítica, a resenha e a crônica, escritas com um posicionamento reflexivo sobre as práticas sociais, o Jornalismo Cultural tem o dever de despertar no leitor um senso crítico cultural.

¹ Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia.

² Autora, Eliane Aparecida Dutra. Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Formação em Comunicação Social – Hab. Jornalismo. Tecnóloga em Marketing. Docente do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Pato Branco, e-mail: eliane_floripasc@hotmail.com

³ Aluna autora do trabalho e estudante da Pós-Graduação da Faculdade de Pato Branco - FADEP, email: denisermuller@hotmail.com

Inserido neste cenário está a “Coluna de Nelson Motta”, veiculada, todas as sextas-feiras, pelo telejornal “Jornal da Globo”, que vai ao ar, pela Rede Globo de Televisão, sobre a qual este artigo pretende desenvolver uma análise, verificando se a mesma pode ser caracterizada como uma proposta de jornalismo cultural, sob a análise de sua perspectiva de produção.

Para dar conta do que se propõe, primeiramente, conceitua-se jornalismo cultural, baseado em Gonzalez (2008) e Melo (2012), o qual vale ressaltar, defende a ideia de que a essência desse segmento é mediar o conhecimento cultural para todos os tipos de público, socializando-o através de reflexões críticas sobre as mais diversas obras de arte. Ainda, na construção do conceito de jornalismo cultural, cita-se Dapieve (2002), que caracteriza o repórter cultural como alguém apto a escrever sobre a arte que pretende refletir criticamente. Assim, apresenta-se o vínculo que o jornalista Nelson Motta tem com as artes as quais discute na “Coluna de Nelson Motta”, relembrando sua trajetória onde vivenciou e participou da maioria dos movimentos musicais no Brasil.

Na discussão seguinte, apresenta-se fatos históricos que caracterizam o surgimento do jornalismo cultural no cenário jornalístico, embasado em Burke (2003), Rivera (2000), Medel (2002) e Piza (2003).

É válido lembrar que o autor Daniel Piza (2003), contextualiza o primeiro registro das publicações de jornalismo cultural, o qual cita o periódico *The Spectator*, criado por dois ensaístas ingleses, Joseph Addison (1672-1719) e Richard Steele (1672-1729), no ano de 1711, que tinha o propósito de “tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés” (PIZA 2003, p. 11).

Em seguida, Piza (2003), Marina Magalhães (2010), Dapieve (2002) e Gadini (2003) embasam a discussão sobre o surgimento do jornalismo cultural no Brasil. Para a construção do texto sobre Jornalismo Cultural Contemporâneo o artigo cita autores como Guedes (2006), Melo (2012) e Piza (2003).

Justifica-se a escolha deste objeto de análise por vários fatores: primeiramente é pelo fato de que a “Coluna de Nelson Motta” está a pouco mais de quatro anos no ar e, devido a seu pouco tempo de existência não há nenhuma tese, artigo, crítica ou se quer comentário feito sobre a mesma. Outro importante fator é de que na discussão que este artigo apresenta sobre Jornalismo Cultural Contemporâneo, o autor Guedes (2006), afirma que o jornalismo cultural atualmente anda conforme a lógica do mercado, e dessa forma, entende-se que não se faz mais uma análise reflexiva sobre as obras de arte.

Desse modo, este artigo verificará se a “Coluna de Nelson Motta” apresenta uma reflexão sobre os campos artísticos de que se propõe a fazer.

2. JORNALISMO CULTURAL

Será o jornalismo cultural tudo o que é produzido pelos profissionais de comunicação? Pois, se entendermos que tudo pode ser considerado cultura, então, as páginas de jornalismo especializado, como economia, ciência e tecnologia, já desempenhariam a função das publicações culturais, e não haveria uma precisão de destinar um espaço especialmente para este segmento nos meios de comunicação, conforme Gonzalez (2008). Mas então, o que é jornalismo cultural? Quais são os elementos que o distinguem ou não das outras áreas do conhecimento? De acordo com o autor, o conceito de jornalismo cultural não é muito específico, devido ao extenso campo o qual atua.

O Jornalismo Cultural possui um vasto campo de atuação que envolve manifestações das diferentes culturas, seja ela erudita, popular ou de massa. De forma sintética, a primeira como sendo a que privilegia os saberes das classes letradas, como artes e literatura, enquanto a popular dá voz às manifestações oriundas da população, desconsiderando escolarização e que cobre a área de notícias culturais, como, por exemplo, filmes, peças de teatro e música, analisando-o com a missão de informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade. (GONZALEZ 2008, p.1)

De tal modo, pode-se observar que na “Coluna de Nelson Motta”, a qual apresenta reflexões sobre as diversas manifestações culturais que foram cenário de produções artísticas que marcaram época no Brasil e no mundo, o jornalista transita entre a cultura popular e erudita, desde música a literatura. Assim, desenvolve uma crítica que além de informar e educar o telespectador, também, deixa em evidência a sua opinião sobre a obra que apresenta.

Há 40 anos, Maria Bethânia constrói uma das carreiras mais brilhantes da música brasileira. Sem altos e baixos. Indo cada vez mais fundo e mais alto, sem nenhuma concessão a nada que não seja a sua arte. Dessa vez, ela lançou dois discos ao mesmo tempo, um para o corpo, o outro pra alma. Cada um mais bonito do que o outro. É o ano da consagração de Maria Bethânia. Como se ela ainda precisa-se disso! (...) Com todas as facilidades da tecnologia, nunca se produziu tanta música no Brasil, da melhor e da pior. É justamente esse o problema. Como encontra, entre montanhas de lixo musical digital, o que vale a pena ser ouvido? Como competir com a obra dos grandes músicos que hoje está disponível na internet? (MOTTA, 2010, - Quem fez história na música em 2009).

Para Melo (2012), é necessário voltar teoricamente ao passado para relembrar a história do jornalismo cultural, sua concepção do que é afinal este jornalismo especializado e a que veio ao mundo. Por mais que ele tenha sofrido grandes transformações, durante sua história, existem aspectos que se mantêm intactos pelo fato de ser, justamente, a sua essência.

Existem dois elementos fundamentais, conforme Melo (2012), que distinguem o Jornalismo Cultural das outras áreas e constroem a identidade desse segmento. O primeiro elemento é a obrigação de democratizar o conhecimento e, o segundo, é o seu caráter reflexivo. São esses os principais elementos que unificam a prática desse segmento e tornam-no importante para a evolução intelectual da sociedade.

Vale lembrar que um dos primeiros registros do Jornalismo Cultural é o periódico *The Spectator*, criado em 1711, que tinha por objetivo trazer o conhecimento para perto da sociedade, de uma forma mais leve e descontraída do que a frieza dos livros que estavam distantes dos indivíduos, para ser discutido em lugares estratégicos e formadores de opiniões. Dessa forma, socializava o conhecimento sobre as mais diversas artes, sem discriminação. E assim, a essência desse jornalismo especializado era “mediar o conhecimento e aproximá-lo do maior número de pessoas” (Melo 2012, p. 5) como artes, literatura e filosofia. Portanto, há “um entendimento da função social do jornalismo cultural como lócus adequado para dar acesso irrestrito a todo saber, fato esse que se torna uma regularidade no jornalismo cultural.” (MELO 2012, p. 5).

O segundo elemento é a função reflexiva que, definitivamente, distingue o Jornalismo Cultural de outras áreas: “Enquanto o caderno de Economia, de Ciência, de Política irá noticiar as práticas, o jornalismo cultural irá fazer uma reflexão sobre essas práticas em suas críticas e crônicas” (MELO 2012, p. 6). A análise crítica, a crônica e a resenha são os gêneros que caracterizam esse jornalismo especializado, pois além de serem de cunho opinativo, elas oferecem uma reflexão perspicaz e precisa sobre essas práticas sociais a fim de informar, como as outras áreas do jornalismo, mas também educar o seu leitor, sendo este um poder exclusivo do jornalismo cultural.

A socialização do conhecimento e as reflexões sobre as artes e os hits de sucesso podem ser observadas em diversas partes dos vídeos que são veiculados na “Coluna de Nelson Motta”. Motta apresenta o contexto político e econômico do país em que a obra foi produzida. Após este apanhado histórico, o jornalista parte para a reflexão, e com ela oferece ao telespectador o conhecimento da obra ou do artista em discussão.

A sensação era de que, finalmente, o grande amanhã havia chegado. E não era só mais uma metáfora surrada das músicas de oposição. Em 1985, com a eleição de Tancredo Neves, acabavam, oficialmente, vinte anos de ditadura. E com o Rock in Rio, finalmente, se realizava o festival que os jovens brasileiros sonhavam desde 1969, como o Woodstock. Com 16 anos de atraso, os *mega* eventos de rock chegavam ao Brasil. Porque na ditadura não havia liberdade, e sem liberdade o rock não rola. (...) O Brasil nunca havia visto nada parecido. Nossos artistas jamais tocaram para tanta gente, e com um sistema de som tão bom. Mas, o Rock in Rio acabou, Tancredo morreu, Sarney tomou posse e o Brizola, que era governador do Rio de Janeiro e adversário político dos Medinas, mandou destruir a Cidade do Rock. (MOTTA, 2010, Rock in Rio faz 25 anos).

Vale ressaltar também que, além da socialização do conhecimento da arte e das reflexões aguçadas, é de extrema necessidade que o repórter cultural tenha uma bagagem incomparável, forrada de conhecimento, para poder construir de forma interessante, atraente e perspicaz reflexões sobre uma obra cinematográfica, musical, etc.

Assim, como o segmento “Jornalismo Cultural” é uma especialização do jornalismo, o profissional dessa área também precisa ser especialista no assunto do qual faz seus comentários. De acordo com Dapieve (2002), a graduação de jornalismo não é o suficiente para o repórter cultural. É imprescindível que o mesmo tenha interesse e certa paixão sobre os campos artísticos que irá escrever. Pois, para apontar pontos positivos ou negativos de determinada obra deve-se, no entanto, ter um conhecimento aprofundado e utilizar outras obras do mesmo segmento para compara-las. “É esse cruzamento de informações que permite o aparecimento de um conceito, de uma avaliação e, em última instância, de uma opinião” (Dapieve 2002, p.96).

No entanto, entende-se que uma pessoa que se encantou recentemente por uma arte não terá argumentos plausíveis para julgá-la criticamente. O repórter cultural, portanto, deve estudar, analisar, se aprofundar do conteúdo ao qual pretende escrever, criticar.

Para Melo (2012), o repórter cultural deve se ater a quatro premissas interdependentes para realizar um jornalismo cultural ciente e com competência:

1. Da importância de ser um bom mediador cultural, traduzindo, de forma clara e reflexiva, informações complexas; 2. Da importância pública e da responsabilidade de sua profissão sobre a conformação do real e da cultura na vida cotidiana das pessoas; 3. Da necessidade de uma formação humanística sólida para que compreenda a cultura a sua volta tanto na esfera local como a sua relação com o global; 4. Da significância de sua mediação para aproximar as pessoas da “poética da vida”, tanto no que possui de estético como de ético e político. (MELO, 2012, p.8)

De acordo com essas citações, podemos considerar o jornalista Nelson Motta um repórter cultural de mão cheia. Pois o mesmo viveu próximo de um dos maiores movimentos e revoluções da música popular brasileira, que foi a criação do ritmo brasileiríssimo “Bossa Nova”.

Motta, em sua autobiografia, *Noites Tropicais*, lançada no ano de 2000, afirma que não gostava de música até ouvir a nova sensação tecnológica do momento, em 1958, no auge dos seus 14 anos. Era a música de João Gilberto, “Chega de Saudade”, que marcava o início do ritmo da Bossa Nova no Brasil. “Foi como um raio. Aquilo era diferente de tudo o que eu já tinha ouvido, fiquei chocado, sem saber se tinha adorado ou detestado. Mas quanto mais ouvia, mais gostava.” (MOTTA, 2000, p.9).

De acordo com o jornalista, após isso, Motta ficou fã de João Gilberto e da sua Bossa Nova. Acompanhou diversos shows de artistas que aderiram a esse novo ritmo, como o “Operação bossa nova”, conhecendo artistas como Nara Leão, Lucio Alves, Alayde Costa, Sylvinha Telles, Carlinhos Lyra e Oscar Castro Neves. Este ritmo foi a trilha sonora da juventude de Nelson Motta, e revelou ter sido apaixonado pela música de João Gilberto, motivo que levou a conhecer as músicas de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, Newton Mendonça e Carlos Lyra, Caymmi e Ary Barroso e de muitos outros grandes “poetas” da nossa música brasileira.

Dois anos mais tarde, aos 16, através de um primo que trabalhava na televisão, amigo de algumas moças e rapazes da “Turma da bossa nova”, Motta começou a participar das reuniões e festinhas musicais de tal turma, organizadas nos apartamentos de Copacabana.

Assim, tão perto da música, Motta resolveu aprender a tocar violão e as complicadas harmonias de João Gilberto. Por ser tão apaixonado pela bossa nova, pensou até em seguir a profissão de músico. Nessa época, dos anos 60, Nelson Motta fez a sua primeira produção de um show juntamente com o letrista Ronaldo Bôscoli.

A partir daí, Nelson Motta vivenciou inúmeras experiências na música, como compositor de mais de trezentas canções, como parceiro de Dori Caymmi nas músicas “Saveiros” e “Cantador”, interpretadas durante os festivais da canção; foi o compositor de dois hinos da discoteca, assim que o ritmo chegou ao Brasil, sendo elas: “Perigosa” e “Dancin’ Days”; foi parceiro do cantor Lulu Santos em algumas das suas músicas de maior sucesso; foi o responsável por lançar artistas como Tim Maia, Marisa Monte, Angela Ro Ro, As Frenéticas, Novos Baianos e Raul Seixas; e escreveu dois best-sellers: *Noites Tropicais*, que é a sua auto-biografia, e *o Som e a Fúria de Tim Maia*.

3. CONTEXTO HISTÓRICO DE JORNALISMO CULTURAL

“Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembleias, casas de chá e cafés” (PIZA 2003, p. 11). É com essa finalidade que Joseph Addison (1672-1719) e Richard Steele (1672-1729), dois ensaístas ingleses, marcam o início da história do jornalismo cultural no mundo ao criarem o periódico “The Spectator”, no ano de 1711. Este, “cobria desde questões morais e estéticas até a última moda das luvas” (BURKE 2002, p.78).

As primeiras produções culturais eram escritas “num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico” (PIZA 2003, p.12). Dessa forma, os mesmos atraíam cada vez mais seus leitores e direcionavam seus olhares para o que havia de mais belo e profundo nas obras de arte escritas na época.

De acordo com Piza (2003), entende-se que o Jornalismo Cultural surge devido ao crescimento dos grandes centros urbanos:

Em outras palavras, a Spectator – portanto o jornalismo cultural, de certo modo – nasceu na cidade e com a cidade. (...) A Spectator se dirigia ao homem da cidade, “moderno”, isto é, preocupado com moda, de olho nas novidades para o corpo e a mente, exaltando diante das mudanças no comportamento e na política. Sua ideia era a de que o conhecimento era divertido, não mais a atividade sisuda e estática, quase sacerdotal, que os doutos pregavam. (PIZA, 2003, p.12)

Com o conhecimento sendo oferecido à sociedade através de periódicos fáceis de ler e compreender, o autor Peter Burke (2003), constrói uma reflexão da trajetória e da evolução do conhecimento humano desde a criação da prensa de Gutemberg, em 1450, até a criação e veiculação do periódico francês “Enciclopédia”, criado em 1750, que tinha um teor sociocultural em suas publicações. O autor pesquisou as modificações da organização do conhecimento na Europa, analisando textos publicados nos séculos XVI a XVIII. Após estes estudos ele afirmou que os periódicos têm mérito de uma atenção exclusiva porque promovem o aprendizado com maior facilidade do que os próprios livros.

Como o filósofo italiano Cesare Beccaria certa vez observou – nas páginas da revista *Il Caffè* – os periódicos difundiam o conhecimento mais amplamente que os livros, da mesma forma que os livros o difundiam mais amplamente que os manuscritos. Alguns leitores se sentiam intimidados pelos livros e preferiam não mantê-los em casa. O periódico, porém, era mais amigável.

Apresenta-se como um amigo que só quer soprar uma palavra em seu ouvido. (BURKE, 2002, p.160).

A partir da publicação desse periódico rico em conhecimento, Rivera (2000), afirma que surgiram muitos outros críticos que analisavam as mais diversas artes, e o Jornalismo Cultural crescia e expandia suas críticas, que eram lidas e apreciadas em todo o mundo por um público cada vez maior, “com um aspecto mais de *haute vulgarisation* e do profundo processo de socialização e diversificação cultural deflagrado pela imprensa de Gutemberg em meados do século XV.” (RIVERA 2000, p.41).

Nesse mesmo século houve o crescimento e fortalecimento desse segmento em grande parte da Europa devido a procura pelos produtos culturais, onde surgia um público interessado pelas artes e com isso a demanda por esses produtos aumentava.

Porém, somente mais a diante, em meados do século XIX, o jornalismo cultural e o seu profissional começam a ganhar status maior no mercado e passam a ser admirados pelos seus leitores e também pelos artistas da época, que liam as críticas com intuito de aprimorar as suas novas criações artísticas, nos aponta Piza (2003).

A opinião de um grande crítico sobre obras literárias, musicais, peças de teatro, ou qualquer outra arte, era esperada com muito entusiasmo por uma pequena plateia ansiosa e decisiva, relata Piza (2003).

Os críticos eram muito admirados pela sociedade, tanto que por muitas vezes determinavam “o sucesso ou o fracasso de um filme, peça ou disco; e mesmo quando a bilheteria batia recordes, os produtores não podiam eliminar os estragos causados à sua imagem nos círculos pensantes”. (PIZA 2003, p.28). O Jornalismo Cultural servia de referência para seus leitores e também para artistas e intelectuais, fortemente influenciados pelos comentários de seus admirados críticos, onde buscavam aperfeiçoar ainda mais as suas obras a cada crítica apontada. Os críticos eram muito amados por uns, e simultaneamente, detestados por outros.

Em meados do século XIX, (...) o ensaísmo e a crítica cultural se tornaram ainda mais influentes. Na Inglaterra, um crítico de arte como John Ruskin (1818-1900) era tratado como semideus pelos seguidores (e, claro, demonizado pelos detratores). (...) marcou sua época de tal maneira que se tornou uma das maiores influências sobre a literatura moderna de um grande francês, Marcel Proust (1871-1922). (PIZA 2003, p. 14 a 15).

No período iluminista, época essa de grandes e importantes revoluções artísticas, e de descoberta de grandes fenômenos da arte, os críticos, considerados

semideuses, ajudavam a revelar ao mundo novos talentos, assim como o grande crítico de arte, Denis Diderot (1713-1784) que, “abriu caminho para o reconhecimento de artistas como Delacroix.” (PIZA 2003, p.15).

No século XX, as publicações culturais se concentraram mais fortemente nas revistas da época. No entanto, com a maioria das publicações estampadas nas revistas, os escritores e suas críticas acabaram passando por algumas transformações. Esse fato é mérito também, e em grande parte, da industrialização, onde um novo mundo surgia com a proliferação das máquinas e caminhava rumo à modernidade.

A grande era da crítica, dos séculos XVIII-XIX, não tinha terminado, apenas se transformado. A adaptação para um mundo cada vez mais povoado por máquinas, telefones, cinemas – para um mundo moderno, marcado pela velocidade e pela internacionalização – mudou o figurino do crítico, mas não tanto a sua figura. (PIZA 2003, p.19 a 20)

Portanto, na metade do século XX o ensaio e a crítica do jornalismo cultural ganhavam a cada dia mais espaço nos meios de comunicação que os comportavam (jornal e revista) na época. Os textos de várias laudas, repletos de jargões, fraseados bonitos, e citações longas deram lugar às críticas curtas, porém rápidas de serem lidas, com o mesmo saber e intelectualidade de sempre, escritas literárias e ainda mais instigantes. Foram essas publicações curtas e inteligentes que conquistaram um grande legado de leitores que se apaixonavam pelas críticas e, da mesma forma, pelas obras de arte analisadas.

Conforme Burke (2002), encontramos facilmente os padrões literários presentes na criação de publicações jornalísticas no século XX, mas a presença de técnicas e procedimentos do jornalismo era indispensável. Até mesmo o escritor e o jornalista de opinião eram confundidos. O “articulismo criativo”, qualidade de escritores de textos criativos e outros modelos da segunda metade do século XX implantados no campo dos “novos jornalismo”, faz essa ligação entre o escritor e o jornalista.

De acordo com Medel (2002), as afinidades entre literatura e jornalismo, entre inspiração literária e exercício jornalístico, suas problemáticas são constantemente discutidas:

Parece que aquela, sem abandonar a dimensão lúdica e frutiva deve encaminhar-se para o essencial humano, bem que encarnado nas inevitáveis coordenadas espaço-temporais que nos constituem. A atividade informativa, ao contrário, aponta mais para o efêmero, passageiro, circunstancial (e sabemos até que ponto a vertigem informativa devora a estabilidade e permanência dos acontecimentos). Simplificando muito, parece que a

literatura se orienta para o importante e a informação jornalística para o urgente. (Medel, 2002: 18).

Nelson Motta permite que observamos em sua coluna textos com tons literários, mas acessível a todos os públicos, justamente porquê a coluna é veiculada num meio de comunicação de massa. Notamos a linguagem literária de seus textos quando, por exemplo, na coluna apresentada no dia 18 de dezembro de 2010, que tinha como título “2011 será ano de grandes shows no Brasil”, Motta fala do aniversário do músico e compositor João Gilberto: “João Gilberto completa 80 anos em junho. Uma efeméride que merecia ser feriado nacional, com todo mundo falando baixinho o dia inteiro”. Uma das características de João é a de praticamente sussurrar as músicas, canta-las com voz calma em volume baixo.

Outro exemplo é quando Motta fala sobre Elis Regina em sua coluna “30 anos sem Elis Regina”, que brinca com a estatura de Elis, a qual era chamada de Baixinha, e com a sua grandeza musical: “Entre as grandes cantoras brasileiras, nenhuma foi maior do que a Baixinha de Porto Alegre.”

4. JORNALISMO CULTURAL NO BRASIL

Para Piza (2003), o início do Jornalismo Cultural no Brasil é marcado com as ricas publicações de um dos maiores artistas do rol de escritores brasileiros, Machado de Assis. Ele foi o precursor dos textos culturais no Brasil em meados do século XIX, época em que o jornalismo cultural se consolida no país. Além de Machado de Assis outros grandes nomes da nossa literatura iniciaram suas produções literárias no jornalismo cultural e se consagraram.

Já Gadini (2003), indica o aparecimento do Jornalismo Cultural no Brasil anteriormente ao marco apontado por Piza (2003), mas concorda com o mesmo, de que o fortalecimento dessa prática se dá somente a partir de 1930.

Como se sabe esse processo só vai acontecer no Brasil – ainda que de forma lenta, devido ao alto índice de analfabetismo, baixa concentração urbana, dentre outros fatores – a partir do século XIX, tendo como marco a vinda da família real em 1808. Na prática, em termos urbanos e públicos, só vai ser possível falar em consumo e crítica cultural algumas décadas mais tarde. Ou, para ser exato, a partir das últimas décadas daquele século. E, de modo mais significativo, a partir dos anos 1930. (GADINI, 2003, p.217)

No século XX, o jornalismo cultural no Brasil ganha um espaço maior, jornais e revistas disponibilizam um espaço maior para as reflexões literárias e culturais. Com isso, surge um dos veículos de comunicação mais importantes para o jornalismo cultural brasileiro, a revista “O Cruzeiro”, publicada em 1928. Essa revista tinha um aspecto moderno e foi muito incisiva na disseminação da cultura brasileira, dentro do próprio país. A revista contou com um elenco de comentaristas, críticos, resenhistas, ensaístas, humoristas e escritores como José Lins do Rego, Marques Rabelo, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Anita Malfatti, Di Cavalcante, José Candido de Carvalho, Raquel de Queiroz, Péricles (O Amigo da Onça) e Vão Gogo (vulgo Millôr Fernandes). “Nos anos 30 e 40, ‘O Cruzeiro’ seria a revista mais importante do Brasil por sua capacidade de falar a todos os tipos de público” (PIZA 2003, p.33).

Um dos gêneros do jornalismo cultural que mais atraiu o público brasileiro, na década de 40 foi a crônica.

O gosto nacional pelas crônicas, até certo ponto, sempre foi uma forma de atrair a literatura para o jornalismo, praticada por jornalistas, escritores e sobre tudo híbridos de jornalista e escritor. De Machado de Assis a Carlos Heitor Cony, passando por João do Rio, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende, Ivan Lessa e outros, a crônica sempre teve espaço fixo nas seções culturais de jornais e revistas brasileiros e, portanto, é uma modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro. (PIZA 2003, pg. 33).

A capacidade de envolver os leitores era mérito de poucos escritores, um deles, que também foi de grande importância para o jornalismo cultural no Brasil, era o australiano Carpeaux, que veio ao Brasil em 1939 e foi naturalizado brasileiro em 1944.

Considerado o mestre do ensaio curto, Carpeaux marca sua vinda ao Brasil por trazer para a realidade brasileira a proposta do periódico “The Spectator” de 1711, em que tirou a filosofia dos livros dos centros acadêmicos e levou aos lugares formadores de opiniões, para leitores interessados que buscavam um aprofundamento reflexivo sobre as belas artes.

Carpeaux, “foi para muitos artistas e intelectuais nacionais, via imprensa, o professor da civilização que não tiveram.” (PIZA 2003, p.35). Com sua reflexão contínua sobre a literatura e a cultura brasileira Carpeaux derrubou “mitos (como o da “essência barroca”) e selecionou os autores de maior perenidade e universalidade (Machado, Graciliano, Drummond).” (PIZA 2003, pg. 35).

Em meados da década de 50 os jornais impressos brasileiros criaram o caderno cultural diário, que obrigatoriamente todos os jornais haviam de circular. Como pioneiro desse segmento, surge o fabuloso e muito copiado “Caderno B”, do “Jornal do Brasil”

em 1956, que é considerado o precursor de publicações do jornalismo cultural moderno no Brasil, onde modelos de textos criativos e uma diagramação diferenciada, mais leve a distinguiu dos demais cadernos. Como todos, ele surgiu com intuito de levar cultura à sociedade e, além disso, ser um produto cultural. Sobre isso, Dapieve (2002), comenta que:

Parte do hábito de se embaralhar jornalismo de arte com arte do jornalismo vem, por conseguinte, dessa concepção de suplemento, suplemento anteriormente relacionado como “feminino” ou de “variedades”. O velho B podia se dar a este luxo: contava em seus quadros, por exemplo, com o designer Reinaldo Jardim e com o poeta Ferreira Gullar. Ambos, e outros tantos, eram representantes de um tempo pré-regulamentação da profissão de jornalista (ocorrida pelo decreto-lei no 972, de 17 de outubro de 1969, na qual escrever bem literariamente se confundia com escrever bem jornalisticamente. Graças a essa confusão, é bom ressaltar, os jornais brasileiros foram enriquecidos por, entre tantos outros, Graciliano Ramos e Nelson Rodrigues. (DAPIEVE, 2002, p. 95).

Em São Paulo, no início dos anos 60 é criado dentro do jornal “O Estado de S. Paulo”, o “Suplemento Literário” que foi mais um grande marco que contribuiu para a disseminação do jornalismo cultural no Brasil. Contando com um elenco intelectual de peso, este caderno serviu de modelo mais tarde para a maioria de cadernos culturais que surgiram. Segundo Piza (2003), o diretor do caderno, Décio de Almeida Prado, que defendia que o homem participasse de discussões intelectuais e cultas sobre cultura e acreditando que certamente contribuiria para a sua educação, resumia o novo modelo do caderno cultural da seguinte maneira:

“Não exigiremos que ninguém desça até se pôr à altura do chamado leitor comum, eufemismo que esconde geralmente a pessoa sem interesse real pela arte e pelo pensamento. (...) Uma publicação que se intitula literária nunca poderia transigir com a preguiça mental, com a incapacidade de pensar, devendo partir, ao contrário, do princípio de que não há vida intelectual sem um mínimo de esforço e disciplina” – esforço esse, por sinal, que não reduz e sim intensifica o prazer. Foi esse tipo de postura que fez dos anos 60 a década mais memorável do jornalismo cultural brasileiro. (PIZA 2003, pg.37).

Para Lorenzotti (2007 *apud* Magalhães 2010, p.22-23) o caderno “Suplemento” é “um veículo transmissor de ideias, um intermediário, um mediador cultural que teve seu importante papel na reflexão e na difusão da crítica cultural da cidade e do País.” A autora diz ainda que o “Suplemento” influenciou nas obras de artistas, nas críticas dos formadores de opinião e, sobretudo, cativou muitos leitores que se sentiam ligados às músicas, literaturas, peças de teatro ou qualquer outra arte que era discutida pelos jornalistas culturais que redigiam os textos do periódico.

Vale ressaltar que foi nos anos 80, após as “Diretas-já”, que dois dos principais jornais impressos brasileiros iniciaram a veiculação dos seus cadernos culturais diários. Os jornais “Folha de S. Paulo” e “O Estado de S. Paulo” que criaram o “Ilustrada” e o “Caderno 2”, “sincronizados com a efervescência cultural que a cidade vinha ganhando, com as revoluções que aconteciam tanto na arte quanto na política fortalecendo espírito de abertura democrática do país”, (PIZA 2003, pg. 40).

Atualmente, temos como crítico de arte o jornalista, compositor, escritor, roteirista, produtor musical e letrista Nelson Candido Motta Filho, que desde os anos 60 participou ativamente em quase todos os movimentos musicais brasileiros. Motta, desde 2009, é colunista dos jornais “O Globo” e “O Estado de São Paulo”, em diversas rádios do país apresenta seu programa musical “Sintonia Fina” e exhibe, todas as sextas-feiras, a “Coluna de Nelson Motta” que vai ar através do “Jornal da Globo”.

5 Jornalismo Cultural contemporâneo

Hoje em dia, segundo Piza (2003), há um grande descaso por parte da imprensa com o Jornalismo Cultural. Além da expansão ou da volta desse segmento para os livros, nessa época ele se expande também para a internet, que dá suporte, oferecendo uma abertura alternativa para o jornalismo cultural devido ao espaço multimídia que se torna ainda mais amplo para essas publicações. Ao mesmo tempo em que vê novos campos de expansão o mesmo sofre, em todos os países, a chamada “crise vigente”.

Piza (2003) diz que a influência que os periódicos culturais tinham sobre seus leitores hoje é praticamente nula, porque a imprensa está focada em publicar a vida de celebridades, para obter audiência fácil sem muitos esforços, e é aí que este segmento está sujeito a perder força.

O jornalismo cultural, dizem os nostálgicos, já não é o mesmo. (...) revistas culturais ou intelectuais já não têm mais a mesma influência que tinham antes; críticos parecem definir casa vez menos o sucesso ou o fracasso de uma obra ou evento; há na grande imprensa um forte domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos. (PIZA 2003, p.31).

Na mesma esteira, Guedes (2006), propõe uma reflexão sobre os caminhos que a informação está percorrendo na sociedade atualmente. As publicações estão apresentando a sociedade o sentido superficial e leviano dos fatos, reconstruindo a realidade com a omissão de muitos fatos relevantes, muitas vezes por consequência do

imediatismo. Esse problema ronda o jornalismo nos dias de hoje, e com o jornalismo cultural não poderia ser diferente.

No jornalismo contemporâneo, resguardando as devidas exceções, não se faz premente uma depuração analítica da obra de arte, pois a perspectiva mercadológica, que, em geral, acelera o ritmo produtivo nas redações jornalísticas, oblitera qualquer tentativa de ênfase reflexiva em torno da informação cultural. O que vai prevalecer neste universo de representação discursiva da arte está menos ligado a um procedimento interpretativo e mais vinculado a uma perspectiva mercantilista – que tende a orientar para o consumo dos bens culturais. (GUEDES 2006, p. 130).

O jornalismo cultural moderno sofre crises de identidade desde a metade do século XX. Com o aparecimento dos meios de comunicação de massa, que não permitem uma reflexão cultural aprofundada e sim mais sucinta, breve, o papel do jornalismo sobre essa realidade vem sendo estudado e debatido por estudiosos e pesquisadores. O cinema, dos anos 20 aos anos 40, e a TV, a partir dos anos 50, contribuíram na construção de obras culturais em larga escala. As telenovelas retratavam e ainda retratam valores e hábitos da sociedade no geral. Isso fez com que houvesse uma ampliação da chamada “indústria cultural”, nos diz Piza (2003).

Para os filósofos Benjamin, Horkheimer e Adorno, “a indústria cultural – o complexo de produções de entretenimento e lazer para o consumo em larga escala – era fruto do sistema capitalista e, como tal, porta-voz da ideologia burguesa” (PIZA 2003, p.44). Assim, as novas obras culturais estariam se prostituindo para manter-se na “indústria cultural” totalmente capitalista, que não tinha como objetivo principal realizar reflexões e sim o faturamento sobre essas obras. Benjamin diz ainda que: “a arte em tempos industriais perdeu sua “aura”, tornando-se produto para consumo, para consolo instantâneo, não mais para reflexão ou perturbação” (PIZA 2003, p.44). Mas, Piza 2003 afirma que nem todas as obras de arte que foram criadas nesse período são descartáveis, há muitas obras que apresentam uma qualidade paralela as criações de décadas anteriores. E isso fica claro quando observamos a “Coluna de Nelson Motta” do dia 01 de fevereiro de 2010, “Quem fez história na música em 2009”, onde a cantora e compositora Maria Gadú foi apontada pelo jornalista por ter sido a revelação do ano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos durante a análise que a “Coluna de Nelson Motta” pode ser um exemplo de jornalismo cultural no Brasil; tendo em vista a sua contribuição para a

informação e formação intelectual dos seus telespectadores, através de reflexões com posicionamento crítico do jornalista sobre as artes a que se propõe discutir.

Durante a pesquisa, tivemos acesso à formação artística musical extraclasse do jornalista Nelson Motta, a qual lhe permite realizar o jornalismo especializado. Esta é uma das principais características que nos conduziu ao entendimento de que o objeto em análise pode ser classificado como jornalismo cultural.

7 Referências bibliográficas

30 anos sem Elis Regina. Produção de Nelson Motta. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=IId_gbNa8d4. Acesso em: 29 mar. 2012.

2011 será ano de grandes shows no Brasil. Produção de Nelson Motta. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/nelsonmotta/>. Acesso em: 27 mar. 2012.

BURKE, Peter. Uma história social da mídia. RIO DE JANEIRO: Jorge Zahar, 2002.

DAPIEVE, Arthur. Jornalismo cultural. In: Deu no jornal: O jornalismo impresso na era da internet. Org. Álvaro Caldas. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

GADINI, Sérgio Luiz. Além da informação, serviço e orientação ao consumo: o jornalismo cultural como um (quase) sinônimo de interpretação e crítica. *Pauta Geral*, n.5, p.211-236, 2003.

GONZALEZ, Lydianne de Paula Ribeiro. Jornalismo Cultural: Interfaces entre cultura e entretenimento. In: CONGRESSO DE CIÊNCIA E COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 16., 2009, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/expocom/EX14-0616-1.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2012.

GUEDES, Viviane Marques. A construção da cultura no cotidiano do jornalismo impresso em João Pessoa. In: PEREIRA, Wellington (org.). Epistemologias do caderno B: cotidiano, cultura e jornalismo. João Pessoa: Manufatura, 2006.

MAGALHÃES, Marina. Polarizações do jornalismo cultural. Disponível em: <http://www.marcadefantasia.com/ebook/jornalismo-cultural-ebook.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2012.

MEDEL, Manuel Ángel. Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências. In: Jornalismo e literatura: a sedução da palavra. Org. Gustavo de Castro e Alex Galeno. São Paulo: Escrituras, 2002.

MELO, Isabelle Anchieta. Jornalismo cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. Disponível em: <http://bocc.unisinos.br/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2012.

MOTTA, Nelson. Noites Tropicais. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

PIZA, Daniel. Jornalismo Cultural. São Paulo: Contexto, 2003.

QUEM fez história na música em 2009. Produção de Nelson Motta. Disponível em: <http://g1.globo.com/platb/nelsonmotta/page/5/>. Acesso em: 27 mar. 2012.

RIVERA, Jorge B. Periodismo cultural. Buenos Aires: Paidós, 2000.